

The background of the cover is a dark, ornate wrought-iron fence with intricate scrollwork. At the top corners, there are two golden roses. In the center, a human skull is integrated into the ironwork. Below the skull are two golden leaves. The title 'VICIOUS SECRET' is written in large, golden, serif letters across the middle. At the bottom, the author's name 'MORGAN BRIDGES' is written in smaller, golden, serif letters. There are also two more golden leaves at the bottom center.

THE OBSIDIAN ORDER BOOK ONE

VICIOUS  
SECRET

MORGAN BRIDGES

# VICIOUS SECRET

SUN  
BOOKS  
4 ANOS



# VICIOUS SECRET

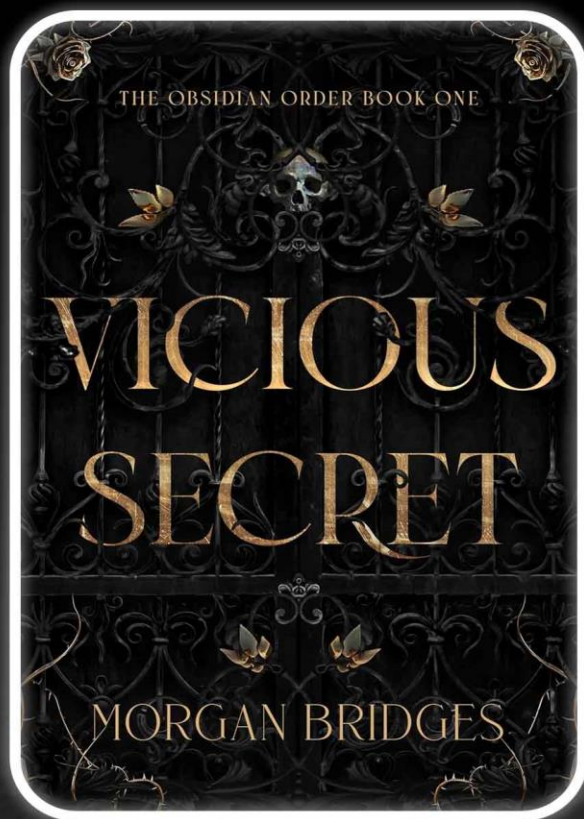
A tradução foi realizada pelo grupo SB, composto por fãs e admiradores da autora, com o objetivo de proporcionar acesso à obra e incentivar sua aquisição futura. Traduzimos livros sem previsão de publicação no Brasil, sempre de forma gratuita e sem fins lucrativos.

Nosso propósito é dar visibilidade a autores que, de outra forma, permaneceriam desconhecidos no país. Para preservar os direitos autorais, o grupo SB poderá suspender, sem aviso prévio, o acesso a traduções de livros publicados por editoras brasileiras.

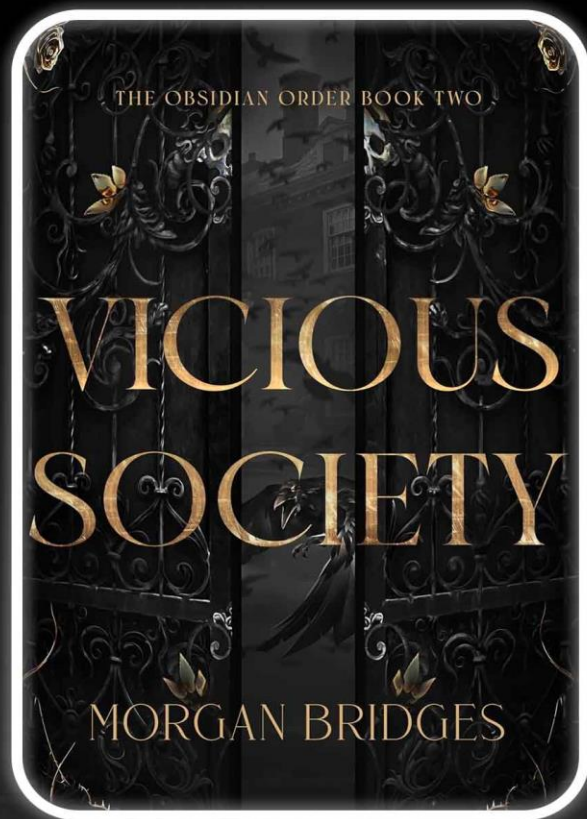
O download é destinado apenas para uso pessoal e privado. É proibido divulgar ou tornar público o trabalho do grupo sem autorização expressa. O uso inadequado desta tradução é de responsabilidade exclusiva do usuário, conforme o art. 184 do Código Penal e a Lei 9.610/1998.

# THE OBSIDIAN ORDER ORDER

#1



#2



# THE OBSIDIAN ORDER

LANÇAMENTO

THE OBSIDIAN ORDER BOOK ONE

## VICIOUS SECRET

MORGAN BRIDGES

# VICIOUS SECRET

## SINOPSE

*Mors solum initium*  
*A morte é apenas o começo.*

### *O Recruta*

A Ordem Obsidiana só se importa com três coisas: sigilo, lealdade e poder. Todo homem nascido nas famílias fundadoras é criado para esse propósito: servir à sociedade e aos seus objetivos.

Como resultado, somos a elite.

Intocáveis.

Inquebráveis.

Se sobrevivermos às Provas.

Eu vou sobreviver, desde que minha obsessão não leve a melhor sobre mim.

Essa garota...

Se a Ordem não me matar, ela será minha ruína.

Porque eu não vou desistir dela.

Ela é minha.

### *A Noiva*

Tudo o que eu quero é minha liberdade e um pouco de café.

E encontrar meu irmão adotivo.

Cada pista que me aproxima de Ben só me assusta ainda mais.

Algo sombrio e perigoso governa este campus.

Assim como o estranho com quem continuo esbarrando.

Aquele em quem não consigo parar de pensar.

Xavier me diz para ficar longe dele,

Mas então sou capturada em um jogo de sombras e selvageria.

Agora, a única maneira de sobreviver está nos braços de um homem que eu já tentei matar.

O mesmo que me tornou sua propriedade.

Sua noiva.

*Se você olha para o vilão e acha que os sinais vermelhos dele parecem o parque Six Flags, então aproveite a montanha-russa.*

# GATILHOS

*Violência, assassinato, rituais sombrios, perseguição, consentimento duvidoso, interesse amoroso tóxico, práticas com facas/sangue, ações moralmente questionáveis, práticas de controle da respiração, sociedade secreta.*

# CAPÍTULO 1

Xavier

*Três anos atrás...*

*Quem é ela?*

Eu estreito os olhos para a tela granulada em preto e branco, querendo ver melhor a jovem. Suas sobrancelhas se unem em uma expressão tensa antes de ela se aproximar do meu alvo, Benjamin McKenzie, e cutucá-lo no peito. Apesar de ter sido enviado para vigiá-lo, meu olhar se fixa nela.

— Você não vai desistir dessa oportunidade por minha causa. — Ela o cutuca no esterno mais uma vez, mesmo com ele a olhando de cima. Em seguida, coloca as mãos nos quadris cobertos por jeans e o encara. Que coisinha atrevida. — Essa bolsa de estudos é importante demais para você jogar fora. Estou falando sério.

Ele estende a mão para acariciar o rosto dela.

— Não sei o que faria se algo acontecesse com você — ele sussurra. — Você é tudo para mim, Lilah.

Benjamin tem uma fraqueza. Essa garota pode acabar matando-o.

Se a Ordem Obsidiana descobrir sobre ela...

Expiro, e o som se perde na quietude da sala vazia. Logo, essa parte da vida dele — e essa garota — desaparecerá e será esquecida, assim como a casa abandonada em que estou. A pintura suja e bege está

descascando em alguns pontos, e os vidros estão cheios de rachaduras, parecendo uma teia de aranha. Uma armadilha mortal.

Eu vivi em uma a vida inteira, só que a minha era opulenta.

Embora a garota revire os olhos, seu rosto suaviza.

— Nada vai acontecer comigo. Foi você quem me ensinou a me defender. Lembra?

Benjamin balança a cabeça.

— Não é suficiente. Venha comigo. Vou dar um jeito de...

— De quê, Ben? De me esconder no seu dormitório pelos próximos anos? Olha, eu sei que você é bom com computadores e tudo mais, mas até isso é forçar a barra. — Ela pausa, e seu olhar endurece com resolução. — Você sabe que não posso abandonar os pequenos.

Meu alvo fica rígido, os músculos tensos visíveis mesmo através da pequena lente da câmera.

— Eu sei — ele sussurra.

Ela se afasta dele com um sorriso irônico e alisa a regata azul desbotada.

— Se aquele babaca lá embaixo tentar alguma coisa, vou chutar a bunda dele. Fim de papo.

Corro os olhos pelo corpo dela. Ela é pequena, com quadris levemente arredondados, pouca definição muscular e mal passa de um metro e meio de altura. Se ela for uma ameaça, então eu sou a maldita Fada do Dente.

Benjamin agarra os ombros dela e a sacode levemente. Sua expressão de choque rapidamente se transforma em algo mais cauteloso, mas nada se compara à energia desesperada que emana dele.

— Escute-me — ele diz. — Frank é estúpido, mas é mais forte que você.

Ela se solta do aperto dele, fazendo o cabelo comprido balançar em suas costas.

— Então serei mais rápida.

— Droga, Delilah!

O grito dele é tão alto que eu juro que o escuto da rua, além de pelos alto-falantes do meu laptop. Ele murmura algo para si mesmo, e percebo que repete o nome dela. Uma expressão de desagrado surge em meu rosto.

Espero que esse não seja o nome verdadeiro dela. Se for, Benjamin realmente deveria deixá-la para trás.

Ele passa a mão pelos cabelos.

— Não seja tão ingênuo. Você sabe o que Frank vai fazer com você no segundo em que eu sair por aquela porta amanhã de manhã.

— Eu não vou deixar isso acontecer. — Suas narinas se dilatam de desgosto antes de ela estreitar o olhar. Eu gostaria de saber a cor dos olhos dela. — Ninguém vai me machucar, nem as garotas.

— Não tem como você evitar ele pelos próximos três anos — diz Benjamin. — Não seja estúpida.

O lábio inferior dela treme, chamando minha atenção para sua boca farta. Ela não deve ter mais do que quinze, talvez dezesseis anos, mas já parece uma mulher adulta. É fácil entender por que chamaria atenção, desejada ou não.

— Não fale comigo assim — diz Delilah, com a voz firme, apesar do tom acalorado da discussão. — Se Frank encostar em mim, na Emily ou na Sandra, eu vou matá-lo.

Benjamin cruza os braços.

— Eu deveria matá-lo. Assim, não precisaria me preocupar com vocês.

É o que eu faria, mas fui treinado para isso. Você vai aprender em breve, recruta.

Delilah suspira.

— Não, Ben. Tem que ser legítima defesa, ou você vai acabar na prisão. Agora quem está sendo estúpido? — Ela ergue o queixo. — Não vou discutir com você mais. Quando você terminar de ficar bravo comigo, venha se despedir.

Meu alvo estremece quando ela bate a porta ao sair. Eu bufo. Quem quer que essa garota seja, ela tem Benjamin na palma da mão.

Troco para a câmera instalada no quarto de Delilah. É igual ao de Benjamin, com apenas uma cama, uma mesinha de cabeceira e pouquíssimos pertences pessoais ou decorações.

Se você ignorar sua beleza.

Eu cresci rodeado de dinheiro e de mulheres que sabem como usá-lo a seu favor. Roupas, cosméticos e procedimentos estéticos. Se pode ser comprado, eu já vi. A atratividade de Delilah não me impressiona.

O fato de ela ser importante para meu alvo é a única razão pela qual me permito observá-la por alguns minutos. Ela caminha até a cama e se senta em um colchão coberto por um cobertor surrado. Depois, pega uma bola de neve com um castelo dentro e passa os dedos pelo vidro liso.

Sua testa franze enquanto ela encara o objeto, e seus lábios se comprimem. Observo seu rosto, intrigado por sua expressividade. Ela não tenta esconder o que sente. Uma vulnerabilidade perigosa.

Clico no botão para voltar ao quarto de Benjamin. Quando a tela exhibe o espaço vazio, rapidamente percorro as câmeras para localizá-lo. O corredor, a escada e a sala de estar não mostram sinais do meu alvo.

Meus lábios se apertam com seu desaparecimento repentino, mas, assim que minha tela exhibe o feed da cozinha, meu pulso acelera. Benjamin está parado na entrada, com as mãos fechadas em punho ao lado do corpo. Frank Goldstein, seu pai adotivo, pega uma cerveja na geladeira, destampa a garrafa e toma um longo gole.

— Que diabos você quer? — ele pergunta, com as palavras arrastadas.

Benjamin avança para dentro da cozinha, passando pelos destroços espalhados pelo piso irregular de linóleo. As bancadas estão cobertas de latas de cerveja vazias, embalagens amassadas de salgadinhos, e os armários pendem tortos, prestes a cair. Meu nojo é apenas um pensamento passageiro enquanto a voz do meu alvo preenche meus ouvidos. Há uma determinação em seu tom que dispara adrenalina no meu sangue.

— Você sabe por que estou aqui — diz ele.

Frank faz um gesto displicente com a mão.

— Sua namoradina? — Quando Benjamin assente, o homem mais velho sorri com desdém. — O que tem ela?

— Fique longe dela e das outras.

O homem de meia-idade dá uma risada anasalada.

— Ou o quê?

Benjamin dá um passo ameaçador à frente, e eu me levanto de imediato. Embora minhas ordens sejam apenas observar o bastardo filho do falecido Harold McKenzie, tenho absoluta certeza de que as famílias fundadoras não querem que ele morra.

Não sob minha vigilância.

Se ele morrer, terei assinado minha própria sentença de morte.

Puxo o capuz para cobrir meu rosto antes de descer correndo a escada rangente, sair pela porta dos fundos e atravessar a rua em direção à casa que venho monitorando há dias. As solas das minhas botas batem no asfalto antes de o som ser abafado pela grama alta do quintal. Pensamentos giram na minha mente com todos os possíveis desfechos dessa situação, e nenhum é ideal.

A arma na minha cintura acalma meu coração disparado. No entanto, furtividade é essencial nesse caso. Não que um disparo fosse algo incomum nesse canto decadente da cidade.

Pego a faca escondida na minha bota, meus dedos se curvando no cabo com a familiaridade que só os terrores do passado podem trazer.

Hoje à noite, serei o pesadelo de outra pessoa.

Um rugido masculino é seguido por um estrondo enquanto corro até a porta dos fundos que dá para a cozinha. Através da janela, examino a confusão que pode me meter em problemas com A Ordem e, mais importante, com meu pai.

Frank tem Benjamin prensado contra a geladeira. Cada vez que ele soca o jovem, as garrafas dentro do eletrodoméstico chacoalham com a

força do impacto. Meu alvo acerta um golpe sólido, mas não é suficiente. Se eu não intervir, ele estará morto em minutos.

Seguro a maçaneta da porta no exato instante em que um borrão loiro entra no meu campo de visão. Delilah irrompe no cômodo, os cabelos chicoteando atrás de si, os olhos jade arregalados e brilhando de fúria.

Em um movimento fluido, ela pega uma faca de cozinha do balcão e a crava nas costas de Frank. Ele ruga como um urso ferido, jogando a cabeça para trás. A jovem arranca a lâmina com um grunhido e a enfia nele uma segunda vez.

A selvageria bela dela me deixa atônito.

Meus lábios se entreabrem enquanto inspiro profundamente, ignorando os gritos de dor de Frank e os avisos que Benjamin solta em meio a respirações ofegantes. Delilah se coloca à frente do meu alvo, assumindo uma postura defensiva enquanto encara o pai adotivo. Pequenas gotas de sangue respingam no chão, e outro filete escarlate escorre pelo braço erguido dela, pintando sua pele com a marca da violência.

Ela é absolutamente magnífica.

— Se você tocar nele, eu te mato — diz ela, com uma voz tão baixa que mal consigo ouvir, mas o fogo por trás de suas palavras é avassalador. — Estou falando sério, Frank.

Delilah foi uma mulher na Bíblia que traiu o homem que deveria amar. Essa garota, como todas as outras mulheres que já conheci, deveria honrar o significado de seu nome. Mas ela não faz isso.

Eu estava errado. Ela é uma ameaça. E não apenas para Benjamin.

Se é isso que mantém meu alvo preso como um animal em uma armadilha esperando para morrer, então eu entendo perfeitamente. E o invejo. Muito.

Um desejo intenso cresce dentro de mim. É tão repentino e forte que me faz cambalear para trás e afrouxa minha mão no cabo da faca. Delilah é uma anomalia, um tipo de mulher cuja existência eu desconhecia. Alguém disposta a se colocar em perigo por outra pessoa, mesmo que isso signifique sua própria morte. Essa lealdade profunda e inabalável...

Eu quero isso.

Eu *preciso* disso.

Eu *preciso* dela.

Eu não dou a mínima para o que o nome dela simboliza. Delilah é minha.

# CAPÍTULO 2

Delilah

— Doce mãe do céu.

Eu me apoio na porta do quarto com um suspiro alto. Ben ri do meu desabafo, mas logo faz uma careta, segurando as costelas.

— Não me faça rir.

Jogo os braços para o alto, provavelmente parecendo um boneco inflável de posto de gasolina.

— Eu não estou tentando ser engraçada. — Lanço um olhar severo para ele. — Sério? O que diabos você estava pensando ao ameaçar o Frank daquele jeito?

— Eu? — Meu irmão adotivo me encara incrédulo. — Eu não sou quem esfaqueou ele. Você deveria se olhar no espelho antes de falar.

— Justo. — Dou um empurrão de leve, conduzindo-o até a cama. Quando ele se deita, entrego a ele um saco de vegetais congelados. — Não me olhe assim — digo, empurrando o item na direção do rosto dele. — Não é como se tivéssemos compressas chiques neste buraco.

Ben pega o saco e o pressiona contra o lado do corpo, soltando um silvo de dor. Uma careta aparece em meus lábios, mas me esforço para suavizar minha expressão. Se tem uma coisa que meu irmão adotivo detesta, é me ver chateada.

Considerando que acabei de esfaquear alguém, estou meio surtada. Pelo lado positivo, pelo menos não matei o Frank. Aquele desgraçado é melhor não morrer de hemorragia, ou estou ferrada.

— Senta aqui comigo, Lilah.

O apelido derrete parte da tensão que ainda prende meu corpo. Sorrio para Ben e me jogo na cama ao lado dele. Meu movimento o sacode um pouco, e minha expressão de culpa volta.

— Desculpe-me.

Ele balança a cabeça.

— Eu poderia ter morrido se você não tivesse interferido.

— Eu nunca deixaria isso acontecer. — Seguro a mão dele e a aperto.  
— Nós somos família.

O olhar dele percorre meu rosto lentamente, como se analisasse cada detalhe.

— Certo. Família.

Um calor sobe pelo meu pescoço com a intensidade do olhar dele, e eu puxo minha mão de volta para evitar qualquer constrangimento. Não deveria haver nada de estranho entre nós. Ben foi quem me levou para comprar meu primeiro sutiã de treino e absorventes quando eu tinha doze anos e ele, quinze. Ele é a pessoa que ouviu meus choros por causa de uma mãe de merda que me abandonou.

Mas as coisas mudaram recentemente.

Talvez seja porque Ben agora é maior de idade, e eu ainda sou uma criança para ele, com meus quinze anos. Ou talvez seja porque ele está indo embora, e agora está tentando me afastar para não sentir saudades. Eu sei que vou enlouquecer sem ele por perto.

A única pessoa que pode me proteger vai partir pela manhã. Isso deixa tudo sobre os meus ombros. Pelo menos eu ainda tenho aquela faca.

— E agora? — pergunto. — Você já parou de estar bravo comigo?

Ele solta um longo suspiro, olhando para o teto.

— Eu nunca consegui ficar bravo com você por muito tempo. Você sabe disso.

— É, mas isso é diferente. Ou o Frank vai entender o recado de que não estou brincando, ou vai ficar mais puto ainda. De qualquer forma, eu não vou deixar as meninas sozinhas. Eu preciso que você entenda isso.

— Eu entendo. Só odeio a ideia de não estar aqui quando você precisar de mim — diz Ben, lançando um olhar na minha direção.

— Você age como se nunca mais fôssemos nos ver. — Faço uma expressão séria. — Não me obrigue a te esfaquear. Eu sou boa nisso.

— Lilah...

— Eu vou arranjar um emprego e economizar para comprar um celular. Aí vamos nos mandar mensagens e ligar o tempo todo um para o outro. Pode apostar. — Dou um leve soco no ombro dele. — Depois, vou estudar até não aguentar mais para entrar naquela faculdade chique também. Deve existir uma bolsa para gente inteligente, mas pobre pra caramba, certo?

Meu irmão adotivo revira os olhos.

— Como você acha que eu entrei?

— Viu só?

— É, faz sentido.

— Como é mesmo o nome daquele lugar? Instituto de Tecnologia de South Harbor? — Sorrio para ele, mostrando os dentes. — Espero que sim, porque a sigla seria “merda” em inglês.

Os lábios dele tremem, quase formando um sorriso.

— Você sabe que não é esse o nome. Chama-se Universidade de South Harbor.

Baixo a cabeça.

— Ok, mas Boston fica a duas horas daqui, e isso não dá pra ir a pé.

Ben ergue o braço e desliza os dedos pela minha bochecha.

Congelo. Não é como se ele nunca tivesse me tocado antes. Quando me ensinou a dar um soco, teve contato físico, mas era algo platônico.

Isso aqui... é íntimo.

— Lilah, eu vou vir te ver sempre que puder, tá?

Faço que sim com a cabeça, e ele abaixa o braço.

— Melhor eu ir ver as meninas — digo. — Você está bem? Precisa de outra compressa? E por compressa, quero dizer milho congelado desta vez.

Ele balança a cabeça com um sorriso fraco.

— Estou bem. É só um hematoma. Você deveria ver como o outro cara ficou.

Dou uma piscadela.

— Pois é? Espero que consiga dormir bem. Se precisar de alguma coisa, é só me chamar.

— Obrigado — ele responde, a voz carregada de emoção. — De verdade.

— Sempre. Você faria o mesmo por mim.

— Sempre.

Levanto e caminho até a porta, mantendo os passos firmes. Um nervosismo percorre meus braços e pernas, e me esforço para não correr assim que alcanço o corredor. Não é só pela necessidade de checar as meninas de novo. Há algo pesado no ar. Quando se vive sob ameaça constante, você aprende a confiar mais nos seus instintos.

E menos nas pessoas.

A casa — mais parecida com um barraco de dois andares — ganha vida própria à noite. As tábuas do piso, empenadas, rangem enquanto atravesso o corredor estreito em direção ao quarto das meninas. Estico os ouvidos, buscando qualquer som incomum que indique que Frank está tramando vingança, mas tudo o que ouço são meus passos leves e o zumbido distante do tráfego.

Seguro a maçaneta e a giro devagar. Abro a porta uma fresta e espreito lá dentro, meu olhar pousando no único colchão de solteiro que ocupa quase todo o quarto minúsculo. Emily e Sandra estão enroladas uma na outra como dois gatinhos. Seus rostinhos adoráveis parecem tranquilos, apesar dos monstros à espreita na noite.

Especificamente, o que está lá embaixo.

Um alívio suaviza a tensão no meu peito ao vê-las dormindo pacificamente. Nenhuma das duas contou os horrores que enfrentaram antes de vir morar comigo neste lar adotivo, mas, com onze e nove anos, carregam uma maturidade precoce que parte meu coração. Ainda assim, elas floresceram sob minha proteção e a de Ben.

— Eu vou proteger vocês — sussurro, mais para mim do que para elas. É uma promessa à qual dediquei minha vida. Nos próximos três anos, posso acabar sacrificando-a, mas estou em paz com essa ideia.

Nunca tive alguém, além de Ben, disposto a fazer isso por mim, e já aceitei isso. Ter a sorte de tê-lo como meu irmão adotivo quase faz valer a pena todas as coisas ruins da minha vida. Ele substituiu anos de abandono por um amor platônico.

Desisti do sonho de encontrar um amor romântico.

Depois de pegar uma cama de bonecas, um dos poucos brinquedos das meninas, fecho a porta e sigo para o meu quarto. A faca com que esfaqueei Frank está sobre o criado-mudo. Mesmo no escuro, consigo ver a mancha vermelha cobrindo a lâmina. Me pergunto se já teve tempo de secar...

A visão dela me revira o estômago. Mas não de arrependimento. Nunca.

Inspiro fundo e solto o ar devagar antes de pegar a arma e limpá-la. Há outra faca presa sob a estrutura da cama, mas não é tão longa nem tão afiada. Trouxe esta de outro lugar onde morei. Não, isso não está certo. Era uma casa, não um lar.

Nunca tive um lar.

O mais próximo disso foi encontrar Ben e as meninas, mas sei que, no fundo, essa não é a verdadeira definição. Um lar é onde você se sente amado e seguro.

Caminho de volta para a escada com meus itens, o cabo gasto da lâmina se ajustando confortavelmente à minha palma. Minha testa se franze de concentração enquanto conto cuidadosamente os degraus e

coloco a cama de boneca no sexto, à esquerda, quando de frente para a escadaria.

Tarefa concluída, subo de volta ao patamar e me deixo cair no chão, sentando com as costas contra a parede. Me nomeei a guardiã da minha família improvisada nesta noite. E em todas as noites.

Se Frank tentar subir para o segundo andar, vai se arrepender.

# CAPÍTULO 3

Delilah

Os segundos se arrastam, transformando-se lentamente em minutos que se tornam horas. Meus músculos relaxam, mas não o suficiente para que eu caia em um sono profundo. Anos de vigilância aguçaram meus sentidos a tal ponto que me pergunto se algum dia voltarei a dormir em paz.

Acho que vou descansar quando estiver morta.

Como se meus pensamentos o tivessem conjurado, uma energia sombria permeia o ambiente como um vento frio, fazendo minha pele arrepiar e meus olhos se abrirem num instante. Eu me agacho, enquanto meu coração dispara no peito, implorando para que eu corra a cada batida. Em vez disso, aperto com mais força a faca em minha mão.

Se é para fugir ou lutar, eu escolho a violência.

Envolto pela escuridão, o intruso sobe as escadas, aproximando-se a cada segundo. Seus movimentos têm um ar de furtividade e propósito, precisos demais para ser Frank. Não é que eu consiga ouvir ou ver claramente essa pessoa de onde estou. Eu a sinto.

Sua presença é confirmada no momento em que sua sombra desliza pela parede e quando pisa no degrau onde está o brinquedo. Um rangido alto quebra o silêncio como um espelho sendo atingido por um martelo. O barulho é meu sinal para agir.

Hesitar poderia me matar.

Meus instintos me fazem avançar com a faca erguida. A lâmina afunda na carne antes que meus olhos consigam captar totalmente a figura bem à minha frente. Um grunhido masculino chega aos meus ouvidos enquanto eu recuo o braço, pronta para atacar novamente.

O invasor se move com velocidade impressionante. Ele bloqueia meu ataque agarrando meu pulso, o movimento repentino enviando um tremor pelo meu corpo. Antes que eu consiga reagir, ele aperta meu pulso, seus dedos cravando-se em minha pele com uma pressão implacável. A faca cai da minha mão e atinge o carpete com um baque surdo. É o som que anuncia minha morte iminente.

O tom da voz dele eclipsa todos os outros sons — baixo, suave, e tingido de um leve divertimento que me confunde.

— Não foi ruim — ele diz, erguendo o queixo em direção à ferida de faca no ombro—, mas não o suficiente.

Meu pulso formiga sob sua pegada implacável, mas não chega nem perto da pressão que ele exerce sobre meus sentidos. Eu o observo, tentando distinguir seus traços ainda ocultos pelo capô preto que cobre sua cabeça.

Quem quer que ele seja, não é um invasor ou viciado como eu inicialmente imaginei. O jeito dele falar é articulado, cheio de boas maneiras e educação. Apostaria meu peito esquerdo que esse cara vem de uma família rica. Então, o que diabos o trouxe para esse lado da cidade?

— Quem é você? — eu pergunto.

A resposta dele é me empurrar para trás, me fazendo bater contra a parede atrás de mim. O impacto me tira o fôlego, e eu o encaro, nossos

olhares se encontram. Ele continua na escada, e eu permaneço no degrau superior. Ele deve ter mais de um metro e oitenta; muito intimidador para a minha altura de um metro e sessenta e cinco.

Eu endireito a parte superior do corpo, mantendo os joelhos flexionados, me preparando para lutar.

— Quem diabos é você?

— Você primeiro, pequena águia

— Não sou uma porra de dinossauro<sup>1</sup>.

— Não, mas você é uma garota inteligente. Colocou aquele brinquedo no degrau para que eu pisasse nele e o barulho da madeira fosse o sinal para você saber que alguém estava subindo. Certo?

Eu aceno com a cabeça, surpresa com a virada idiota que a conversa tomou.

— Escuta, se você não sair daqui, eu vou gritar.

— Ah, ah, — ele diz, estalando a língua em repreensão.

— Benjamin ainda está se recuperando de uma surra, então não pode te ajudar. Além disso, você não vai querer acordar as meninas, vai?

Eu não sei como esse cara sabe de tudo isso, mas ele que se foda.  
*Com força.*

— O que você quer? — eu disparo.

---

<sup>1</sup> A frase original, Xavier chama Delilah de “Pequena Raptor” faz uma comparação com o termo “raptor”, que é uma referência aos dinossauros da espécie Velociraptor. Mas em pesquisas podemos encontrar que, aves de rapina também são chamadas assim. Então decidimos ajustar o termo para “Pequena águia”, para uma sonoridade melhor. Além disso, Xavier tem uma tatuagem dedicada a Delilah com uma espécie de Ave de Rapina.

Embora eu não consiga ver seus olhos, posso sentir o calor do olhar dele varrendo meu corpo de cabeça a pés, voltando para o meu rosto. Eu o analiso em resposta, desejando poder matá-lo com um único olhar.

— O que eu quero e o que pretendo fazer são duas coisas distintas — , ele diz. O significado desconhecido por trás das palavras dele desperta tanto a minha curiosidade quanto me apavora.

— Tudo o que você precisa saber é que você está segura.

Uma risada áspera escapa de mim.

— Sério? — Eu o olho com desdém. — Eu não acredito nessa merda nem por um segundo.

Ele acena com a cabeça. A luz da lua que entra pela janela desliza sobre a metade inferior do seu rosto, revelando lábios esculpidos torcidos em um sorriso sarcástico, um nariz quase reto e um queixo quadrado. A juventude de seus traços contrasta fortemente com a aura de perigo que o envolve. Ele não pode ser muito mais velho que Ben, ainda assim comanda o ambiente como se tivesse a experiência de um homem dez anos mais velho.

Eu olho para a faca no chão, calculando silenciosamente os segundos que levaria para pegá-la e esfaquear esse cara. De novo. Só que dessa vez, não teria o elemento surpresa.

— Nem pense nisso — ele diz.

— Eu achei que estava segura.

— Você está segura do mundo, mas não de mim.

O medo percorre minhas veias, fazendo meu coração bater perigosamente rápido. Fecho as mãos ao lado do corpo para controlar o impulso de pegar a arma caída.

— O que isso quer dizer?

— Ouça com atenção, pequena águia — Eu me estico com o apelido idiota, mas permaneço em silêncio enquanto ele continua falando. — Frank nunca mais vai te ameaçar ou a mais ninguém. Eu prometo, Delilah.

Eu não sei o que me choca mais: a ideia de que meu pai adotivo não será mais uma ameaça para mim, ou o fato de que esse estranho disse meu nome como se me conhecesse. Minhas pernas ameaçam ceder com o turbilhão de adrenalina invadindo meu corpo. Eu o encaro enquanto tento controlar a necessidade de agir que toma conta de mim.

— O que você quer dizer? O Frank se foi? Você não faz sentido.

— Não faço? — Ele inclina a cabeça. — Deixe-me ser claro: eu o matei... mas não antes de arrancar dele um pedido de desculpas em seu nome. Assim que seu nome saiu de sua boca, eu arranquei a língua dele por ter dito em primeiro lugar. Agora você entende?

O ar se torna denso com malícia. Ele penetra em meu corpo, obstruindo meus pulmões e dificultando a respiração. Minha respiração se torna mais ofegante enquanto as palavras dele penetram completamente em minha mente.

O estranho sobe as escadas com uma graça letal que eu admiro, embora nunca admitiria. Ele pode ser jovem, mas cada movimento seu exala poder e autoridade. Isso é tão natural para ele quanto a própria pele.

Eu estendo as mãos e pressiono as costas contra a parede.

— Fique para trás.

Minha voz aguda me faz mentalmente encolher de vergonha pela fraqueza demonstrada. Minha advertência não tem mais poder do que eu mesma neste momento.

Ele para. Atônita, só consigo ficar encarando, impotente, enquanto ele lentamente cruza os braços sobre o peito. Com ele no mesmo nível, ele me domina, pairando sobre mim como um demônio, apesar de se proclamar meu anjo da guarda.

— Por quê? — Minha pergunta sussurrada é o único som na noite. Enquanto espero pela resposta dele, juro que meu coração vai saltar do peito.

— Por quê? — ele repete suavemente. — Porque *ninguém* toca o que é meu.

Apesar desse homem ter invadido a casa e admitido o assassinato, não consigo sufocar a indignação justa que percorre meu corpo. Ergo o queixo em desafio.

— Não sou sua.

— Ainda não.

Eu abro a boca para dizer algo adequado a essa afirmação ridícula, como um “vai se foder” ou “beija minha bunda”, mas ele se vira e desce as escadas sem dizer mais uma palavra.

Minha cabeça gira até eu ficar tonta e sentar no carpete para evitar desmaiar.

O que — e eu não posso enfatizar o suficiente — porra acabou de acontecer?

# CAPÍTULO 4

Xavier

O ar fresco da manhã passa por meu corpo, puxando minha roupa como uma namorada carente. Minha motocicleta ronca mais alto quando giro o acelerador. Eu acelero pela estrada, indo mais rápido do que é recomendado e não dando a mínima. Este é um dos poucos momentos em que estou completamente no controle da minha vida.

Muito em breve, os grandes portões da mansão do meu pai aparecem à vista, me forçando a diminuir a velocidade. E a fazer minha mente voltar à realidade. O portão de ferro forjado se abre lentamente, e eu entro, temendo esse encontro.

Meu pai me convocou, e não tenho escolha a não ser responder se quiser continuar respirando. Algumas das famílias fundadoras veem seus filhos como uma forma de legado, uma continuação de uma dinastia poderosa. Edward Donovan só se importa com seu império.

Infelizmente, isso me torna um soldado em seu exército fodido.

Estaciono minha motocicleta no pátio e desligo o motor. Ele morre, assim como eu gostaria que meu pai morresse.

Depois de tirar o capacete e colocá-lo no assento, passo os dedos pelo meu cabelo escuro e dou um longo suspiro. Me fortificando.

Falar com meu pai é como entrar em um campo de batalha; preciso estar armado.

A mansão se ergue, ficando cada vez mais imponente à medida que me aproximo. Caminho até a porta da frente, o mármore sob minhas botas e o grande teto acima familiar. Passei por esses corredores a vida toda, mas isso nunca será minha casa.

Vou andando pelos corredores, passando pelos retratos de ancestrais datados de antes da Guerra Revolucionária.

Pessoas que já partiram, mas tiveram um papel na criação deste país. E a Ordem Obsidiana. Outro exército do qual vou fazer parte. Assim como o de meu pai, estou sendo recrutado.

Neste lugar, atrás das linhas inimigas, meus sentidos estão aguçados. Não me lembro de um tempo em que eu não estivesse consciente do meu entorno e das pessoas que estavam dentro dele. Se esse tipo de vulnerabilidade já existiu em mim, foi apagada no momento em que meu pai me bateu. Ou quando minha mãe ficou lá e assistiu.

Viro a esquina e ela está lá, como se tivesse sido conjurada pelos meus pensamentos. Minha mãe pinta uma imagem elegante, bonita e imponente, como uma peça de arte cara que deve ser admirada à distância. Ou uma estátua, dura e fria, incapaz de demonstrar afeto.

Ou oferecer proteção.

— Xavier, — ela diz com um pequeno movimento de cabeça.

Eu paro, mantendo minha expressão em branco. — Mãe.

O olhar frio e azul dela perfura o meu antes de desviar. Eu suspeitaria que seja culpa o que a impede de me olhar por muito tempo, se eu pensasse que ela se importasse comigo de alguma forma. Mas eu sei melhor.

— Como você está? — ela pergunta, com sua voz carregando uma formalidade ensaiada.

— Estou bem.

Não me dou ao trabalho de perguntar como ela está. Ao contrário dela, eu não perco meu tempo com formalidades que não significam nada. Houve um tempo em que eu teria implorado por uma palavra gentil da minha mãe, mas sua lealdade está com meu pai. Sempre esteve, e sempre estará.

No entanto, é uma devoção nascida do medo e do perigo, não do amor e do respeito. Não do jeito que Delilah é leal a Benjamin. Eu *faria qualquer coisa* para que ela sentisse isso por mim.

Minha mãe delicadamente tosse. — Seu pai está esperando por você.

Essa afirmação define nosso relacionamento. Se é que podemos chamá-lo assim. Ela mantém uma aura de distanciamento, como uma capa, cobrindo-se com ela para se manter emocionalmente oculta e intocada.

De meu pai? Com certeza.

De mim? Possivelmente.

— Eu sei, — eu digo.

— Muito bem.

Dou um aceno seco com a cabeça e começo a caminhar. Nenhuma outra palavra precisa ser dita. A oportunidade para uma conversa real morreu no dia em que ela me abandonou.

Chego às portas cor de expresso do escritório de meu pai e paro. Um toque rápido na madeira me dá permissão para entrar, e dou o primeiro passo para o inferno.

Também conhecido como o santuário de meu pai.

Fechando as portas atrás de mim, entro completamente no ambiente. A grandiosidade desse lugar rivaliza com a corte de um rei. O ar está carregado com o cheiro de couro envelhecido, madeira polida e o leve aroma de charutos. Meu pai está sentado atrás de uma imensa mesa de carvalho, cercado por estantes cheias de livros.

— Xavier. — Ele deixa os papéis que segurava e lança um olhar rápido para mim. — Confio que tem algo a relatar sobre o garoto McKenzie?

Benjamin e eu temos a mesma idade, dezoito anos, mas é assim que meu pai me vê — como uma criança a ser controlada, sem rebeldia.

— Ele partiu para South Harbor esta manhã e já deve ter chegado lá.

Meu pai me observa por um momento, seus olhos cinzas analisando-me. Temos a mesma cor de olhos, mas também há uma frieza, uma dureza no olhar dele, que ambos compartilhamos.

— Levar McKenzie até lá é só metade da batalha, — diz ele. — Manter ele lá vai ser mais difícil.

Fico em silêncio. Cada frase, cada palavra, é um movimento estratégico em um jogo de xadrez no qual fui forçado a jogar. Uma escolha errada leva a mais do que um simples peão perdido.

— Ele tem algo que possamos usar para convencê-lo a ficar na linha? — pergunta ele.

Delilah.

O rosto dela surge na minha mente, seus olhos verdes brilhando de emoção e os lábios curvados em um sorriso. Por um instante, eu me

esqueço de mim mesmo, do ambiente ao meu redor e da ameaça à minha frente.

O simples pensamento dela me destrói.

Meu peito aperta e eu endureço a expressão, mantendo-a impassível. Forço-me a apagar toda memória de Delilah neste momento com a disciplina mental treinada ao longo de anos de autoproteção. Qualquer coisa boa na minha vida é considerada uma ameaça por meu pai. E ele vai eliminá-la.

Ou pior, me forçar a fazer isso.

— Manter ele na linha não será um problema, — digo, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Ele não tem nada que o prenda.

— Então, sem namorada?

Eu não sei se eles estão juntos, mas não importa. Eles não vão ficar assim. Talvez eu não consiga matar Benjamin para mantê-lo afastado de Delilah. No entanto, há outras maneiras de alcançar esse objetivo.

Quanto a qualquer outro homem... Não tenho restrições.

Quando meu pai me forçou a aprender várias formas de autodefesa e técnicas de combate, tenho certeza de que ele não imaginava que eu as usaria por uma garota. Para ser justo, eu também não. Delilah é a única coisa na minha vida que eu não previ.

Mas não consigo deixar de vê-la.

E não quero.

— Depois de tê-lo observado por vários dias, não vi nenhum indício de um relacionamento — digo.

— Hmm — meu pai acaricia o queixo, pensativo. — Isso não importa. Existem outras maneiras de manter as pessoas na linha. Fique

próximo dele e descubra quais são suas fraquezas e como explorá-las. Obter vantagem sobre o herdeiro McKenzie é o seu único propósito agora.

Aceno com a cabeça. — Entendo.

— Espero que sim.

— Mais alguma coisa? — pergunto, ignorando o insulto. — Preciso estar no campus para a cerimônia de admissão.

Meu pai se recosta na cadeira. — Isso é apenas para show. A verdadeira iniciação começará em breve, *recruta*.

Não estou mais falando com Edward Donovan. Diante de mim está um dos três membros do conselho da Ordem Obsidiana. Uma guilda de assassinos.

— A Ordem.

— A Ordem — ele repete, com ênfase. — Juramos segredo, mas eu preparei você para este momento a sua vida inteira.

Suas palavras ecoam com uma história de tradições familiares, um legado construído sobre manipulação, violência e poder. Olho para o homem a quem me assemelho tanto, incapaz de escapar do meu destino assim como não posso mudar meu DNA. Meu nascimento teve exatamente este propósito: servir a uma sociedade secreta sobre a qual sei quase nada, mas à qual devo dedicar minha vida.

Até a morte.

Mais vinculante do que um casamento, e mais exigente também.

Seu olhar se intensifica, o cinza semelhante a aço afiado. — *Não* me decepcione, filho.

Faço um aceno breve com a cabeça. A gravidade de uma situação desconhecida, carregada de expectativas, envolve meu pescoço como uma forca. O perigo iminente faz com que ela se aperte, assim como o faz o aviso silencioso do meu pai.

— Está dispensado — ele diz. — Mas estarei de olho, Xavier. Todos estarão.

Dez famílias fundadoras. Centenas de anos de história. Milhares de membros que vieram antes de mim.

E uma garota que faz minha vida valer a pena.

# CAPÍTULO 5

Xavier

## *O Primeiro Ano na Universidade de South Harbor*

*Algumas semanas depois...*

Mors solum initium.

A morte é apenas o começo.

As palavras antigas ressoam em minha mente, em ambos os idiomas. Elas penetram minha psique como um machado na madeira, lentamente desgastando minha calma. Eu sabia que este dia chegaria, mas não será o meu último nesta terra.

Poderia ser para um homem mais fraco.

Alguém arranca o capuz que cobria minha cabeça, e eu pisco para me livrar da escuridão. Minha visão demora para se ajustar, mas meus instintos estão alertas, prontos para me impulsionar à ação. Para matar.

Apostaria minha herança que é por isso que a liga de assassinos me trouxe aqui.

Rapidamente, examino meu entorno, observando os outros. Meus competidores. Os homens que serão meus irmãos de armas ou aqueles que me atacam.

O cenário de nossa iniciação é uma masmorra de castelo, uma estrutura provavelmente mais antiga que a própria Ordem Obsidiana. O ar está denso com os cheiros de terra, pedra e medo. Uma tocha

tremeluzente na parede fornece luz para que possamos ver, mas o espaço ainda é escuro o suficiente para criar uma atmosfera sombria.

O chão frio e implacável sob mim drena lentamente o calor do meu corpo, assim como as correntes em meus pulsos e tornozelos, que tilintam e sugam minha paciência. A sensação de estar amarrado, de ser prisioneiro de outro, traz memórias que arranham minha mente, derramando sangue metafórico.

Estou mais do que pronto para derramar sangue real, se isso for suficiente para reprimir as imagens sombrias que tentam emergir.

Passo o olhar pelos outros doze homens que compartilham minha situação. Todos são como eu, filhos de uma das dez famílias fundadoras. Todos nós nascemos para este propósito.

Exceto um.

A testa do recém-chegado está franzida com a expressão clássica de “*que porra é essa?*”. Ele não se esforça para esconder seu choque ou sua frustração por estar acorrentado. Mas deveria. Dar a alguém insight sobre seus pensamentos o coloca em desvantagem.

Ele aprenderá em breve... ou morrerá.

Um homem está no centro da sala, com os braços cruzados, uma pilha de capuzes negros a seus pés. Se Mark Barnum pudesse, teria uma pilha de cadáveres ao lado dele. Não conheço ninguém mais implacável do que ele, alguém disposto a fazer o que for preciso para sobreviver.

Exceto eu.

— Atenção, recrutas — a voz de Mark ecoa, silenciando instantaneamente os murmúrios ao redor. Convoco minha força interior, aquela que me manteve vivo após uma vida de tortura. Tanto

física quanto mental. Não há nada que ele possa dizer que eu não consiga suportar.

Mark sorri. — Vocês, idiotas, não sairão daqui até que alguém morra.

Imediatamente, isso deixa de ser uma masmorra e se torna uma arena. Sangue será derramado. Só não será o meu.

Pelo canto do olho, observo a reação do recém-chegado. O jovem passa a mão pelos cabelos loiros, fazendo suas correntes tilintarem e atraindo a atenção de todos para ele. Coitado, acabou de se tornar um alvo.

O resto de nós foi treinado para isso. Criado para isso. Entrar para a Ordem Obsidiana como um assassino de elite é semelhante a servir nossa família. É uma honra.

Uma que não pode ser recusada.

— Para deixar as coisas mais *interessantes* — Mark diz, prolongando a palavra —, eu trouxe um incentivo. — Ele retira três facas do bolso de trás da calça e as coloca a seus pés. — *Mors solum initium*, seus filhos da puta.

No momento em que ele sai da sala e tranca a porta da cela atrás de si, há uma agitação frenética enquanto todos correm para pegar uma das armas. O som das correntes colidindo é superado apenas pelos gritos de palavrões.

Mantenho meu foco na bagunça no centro do chão enquanto me levanto lentamente. A adrenalina se desenrola dentro de mim, familiar e potente, percorrendo meus membros e me preparando para a batalha.

Eu não preciso de uma lâmina para matar alguém.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vicious Secret By Morgan Bridges" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).